



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

14 de Maio de 2005 • Ano LXII • N.º 1596

Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Setúbal

Burocracia da legalidade

CATEQUISTA amiga, que dedica algum do seu tempo aos rapazes desta Casa, apaixonada pela Criança desvalida, mulher e mãe, telefonou-nos, há algumas semanas, para falar de um pequeno com dez anos, seu conterrâneo, que a preocupa.

A mãe do rapazito, para se juntar a outro homem e aos filhos

deste, atirou-o para o pai que, por sua vez, o entregou a umas tias para que cuidassem dele.

As tias, por incapacidade, não são o lar que o pequeno necessita e deseja. Abandonado pelos que o trouxeram ao mundo, de rejeição em rejeição, vai-se instalando nele a revolta.

No aconchego da casa da sua

catequista, o rapazito reage como toda a criança que se sente desajada. Mas no contacto social, vai sendo cada vez mais anti-social a sua maneira de estar.

Não é de estranhar, pois, que o desejo de se integrar numa família como a nossa, que lhe foi dado conhecer pela senhora amiga, surgiu como solução para o seu abandono.

Mas, aquilo que parecia de fácil resolução, para obter a necessária ajuda que o pequeno precisa e deseja, encontrou, entretanto, uma barreira — a burocracia da legalidade.

Chegado o seu caso ao conhecimento da Segurança Social, houve primeiro que convocar o pai do pequeno e questioná-lo, para que se cumprisse a lei. Em concordância com a sua atitude de desinteresse pelo filho, o pai não compareceu nem à primeira nem à segunda convocatória que lhe fizeram. Inutilmente, cinco senhoras doutoras e um representante da autoridade, esperaram que o pai aparecesse para fazerem o relatório que, pela não presença do progenitor, ficará a aguardar melhor oportunidade para ser feito.

Entretanto, enquanto não se fizer mais um conjunto de convocatórias para os familiares do pequeno, por uma instância superior que, como tudo indica, levará alguns meses a concluir-se, a porta que se poderia abrir e ser uma nova esperança na vida deste

Continua na página 4

Evolução

SE Darwin vivesse, julgo que se arrepriaria perante a leviandade com que é usada a palavra-chave do seu pensamento referido ao Homem, ao identificá-la com o progresso tecnológico — material que a inteligência e o engenho humanos têm produzido, facilitando, até prolongando, a vida dos homens, sem, contudo, os humanizar proporcionadamente. Verificamo-lo nas barbaridades que a sucessão dos dias vai apresentando, algumas com muito requinte científico a mistificar a (des)consideração do Homem como valor supremo e destinatário da Criação. Sem muito bom-senso, que se não mede necessariamente em unidades de Q.I., diria mesmo, com Pai Américo, que, para fomentar o crescimento dos homens em humanidade, «sem Humildade, nada!» E a Humildade é instrumento reservado à Consciência moral. Não será que, por carência dela, tendo por detrás um entontecedor cenário de maravilhas iluminado por luzes para cegar, o mundo está caminhando para «O Planeta dos Macacos»? Será que a evolução que Darwin teorizou tende para o ponto de partida?!

Sou velho e sofrerei, naturalmente, de um desencanto do mundo, que não é pródigo em antídotos. Tudo quanto Deus faz é Bem e expressão da Sua benignidade: Assim nos desprende desta vida. Mas, também naturalmente, não sou pessimista e este dom de natureza é fortalecido pela Fé e pela Esperança, que essas, sim, nos garantem a assistência de Deus à História dos homens e nos confirmam na certeza de uma meta feliz a que a Sua Vontade nos conduz. O que me faz pena é que essa meta seja relegada para horizontes tão metafísicos quando poderia, de alguma forma, ser antecipada nos itinerários da vida na Terra se os homens se debruçassem sobre si mesmos, se aproximassem sinceramente uns dos outros, no sentido com certeza subjacente ao pensar de Paulo VI quando, de Fátima, dirigiu *urbi et orbi* a prece: «Homens, sede Homens!» Mais nada! Bastava que os homens, embebidos desde o princípio da «soberba original», desistissem de construir, por eles, o «paraíso terreal», para que a Terra se não tornasse tantas vezes infernal. E colaborassem, segundo o desígnio divino, na edificação de uma nova Terra, imagem ainda imperfeita da «Nova Terra» prometida por Deus, mas degrau necessário para essa «Nova Terra e Novo Céu» antevistos por João (Apocalipse 21/1) e que consistem na «morada de Deus com os homens». Esta

Continua na página 4

Encontros em Lisboa

Sinais de esperança

AS vezes, há sinais de esperança, no meio das mazelas diárias. Achei um ótimo sinal que o Governo tivesse começado a mexer no sistema escolar com propostas audaciosas para o primeiro ciclo. Percebo que não será um mar de rosas dar seguimento à proposta, mas agrada-me que se tenha começado pelos alicerces, pelo primeiro ciclo. Tenho a experiência de que muito do insucesso verificado no segundo e terceiro ciclos tem a sua origem numa forma errada de passagens quase administrativas, sem as competências e saberes necessários.

Esperamos que também se encare com seriedade o que se passa no segundo e terceiro ciclos. Tendo a sorrir quando falo com os directores de turma desses ciclos e lhes digo que nem todos os alunos são iguais e que a escola precisa de encontrar alternativas para os alunos que não se vêem bem nesses currículos demasiado espartilhados e sem ligações nenhuma com a realidade do quotidiano. Sorrio porque sei o que vem como resposta: «Não há enquadramento legal para isso». Há dias, vinha uma notícia sobre o sucesso e insucesso escolar em vários países e fiquei convencido do modelo adoptado por um país com maior êxito. O sucesso passava precisamente por inverter a ordem das coisas: Em vez de serem os alunos a terem que se adaptar todos ao mesmo modelo de currículos, eram os currículos que tentavam estudar, compreender e adaptar-se aos alunos. Dito de outra maneira: em vez de querer obrigar todos os alunos a vestir o mesmo vestido, eram os costureiros (os professores) que procuravam fazer os vestidos de acordo com os alunos, conseguindo-se o objectivo desejado: todos saíam vestidos, isto é, com saberes e competências para se integrarem na vida activa.

Festas

Continua a caminhada. É uma mensagem de esperança... Os nossos rapazes são pessoas e as pessoas só se encontram bem quando podem conviver e dialogar com outras pessoas.

15 de Maio — Domingo, 15h30, Salão da Igreja Paroquial de Cristo Rei da Portela.

22 de Maio — Domingo, 15h30, Cine-Teatro de Castelo Branco.

26 de Maio — Quinta-feira, 21h30, Dia do Corpo de Cristo, Club Recreativo de Casinhos — Fanhões.

5 de Junho — Domingo, às 15h30, Cine-Teatro de Tomar.

Padre Manuel Cristóvão

Direitos da Criança

SOUBEMOS que as crianças portuguesas, já no próximo ano lectivo, iriam ter o mesmo professor durante os primeiros quatro anos.

Isto é tão lógico como a mãe dar a mama ao filho, no próprio peito.

Não há pai nenhum que não aplauda um acerto com esta naturalidade.

O que espanta, isso, sim, é que, com o avanço tão rápido das ciências humanas, só agora se tenha chegado ao que é intuitivo e foi prática normal, no País, durante décadas.

Pela Ciência também se sabe, hoje, que o afectivo é o lado mais importante do desenvolvimento da pessoa e, quase sempre, único regulador estável do cognitivo.

Admira, sim, que as leis não estejam ao serviço da pessoa, ao menos da mais pequenina, e se desviem para interesses de grupos profissionais, ideológicos ou políticos, como é o caso actual das crianças sem-família, acolhidas durante vários anos nas Casas do Gaiato, onde construíram o seu ninho afectivo e, de um momento para o outro, por deliberação de alguém que as sente tanto como ao papel onde escreve, são retiradas da sua Casa, como qualquer objecto, por força da lei criada, longe delas, em gabinetes confortáveis por gente bem instalada e insensível à sua dor real e ao seu prejuízo concreto.

Um rapaz está connosco durante quatro ou mais anos. Faz vida relacional quotidiana connosco. Sente-se bem. Realiza-se. É feliz. De um momento para o outro, vem a sentença: — Entregue-se, desse, transfira-se.

Já tenho sentido a missão de desobedecer e arcar com as consequências!... O escândalo nunca foi tão necessário!

Recebi, por estes dias, carta de um antigo gaiato a pedir ajuda.

Doente num hospital prisional, roga que lhe mande calçado, produtos de higiene e alimento.

Que lindo rapaz, há anos! Vendedor d'O GAIATO mais o irmão. Loiro, esperto e atraente. Era dos que mais vendia!

Veio a mãe e com ela a sentença.

Foram os quatro!

Os rapazes com vida estável. Currículo escolar normal! Tudo a sorrir!

Deixaram-nos afogados em dor e em impotência.

Que resta, passado todo este tempo?

— Dois morreram com *overdose*. O mais velho, que melhor se equilibrou na saída, não passou da *cepa torta*. E este que agora nos escreve, sairá em liberdade no Março de 2006!

Tudo segundo a Lei!... Tudinho!

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Hoje, em tarde primaveril, por mão de um vizinho que sabe o mal de uma velhinha, utente de uma casa do Património dos Pobres, larga a sua vida como recoveiro desta santa mulher, que no templo onde vive não nos esquece: «Rezo por vós, todos os dias...! Como poderia eu deixar de lembrar ao Senhor os que me dão aquilo que eu preciso...?!»

Os Pobres são nossos amigos. O mundo nem sempre lhes dá o que precisam, de acordo com as indicações do Senhor.

Temos aqui um documento dos nossos Bispos, de finais do ano passado, referindo na maior parte a *Doutrina Social da Igreja*, que não deixaremos de publicar, a seu tempo, para reflexão dos Leitores.

PARTILHA — Assinante 49610, de Leiria, mandou um cheque para O GAIATO e, «o que sobrar, é para a Conferência de Paço de Sousa aplicar numa necessidade — que essas não vos faltam». Assinante 13862, do Porto, Amigo de há muitos anos, «com um cheque de 60 euros para ajudar a conta da farmácia». Assinante 33275, com 100 euros para O GAIATO e «o excedente para ser aplicado onde melhor entenderem».

Vinte e cinco euros, do assinante 74053, de Tortosendo, «para ajudarem nas vossas despesas e peço uma oração pela alma dos meus queridos filhos». Cem euros, da assinante 47927, de Lisboa, «pequeno contributo para ajudar a minorar as muitas necessidades que têm que acorrer». Um anónimo, de Gondomar, assinante 7262, «presente pela felicidade dos seus entes queridos». Duas encomendas postais, com roupa muito delicada, de todos os pontos de vista, da assinante 54917, de Aveiro.

Em nome dos Pobres, para todos muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

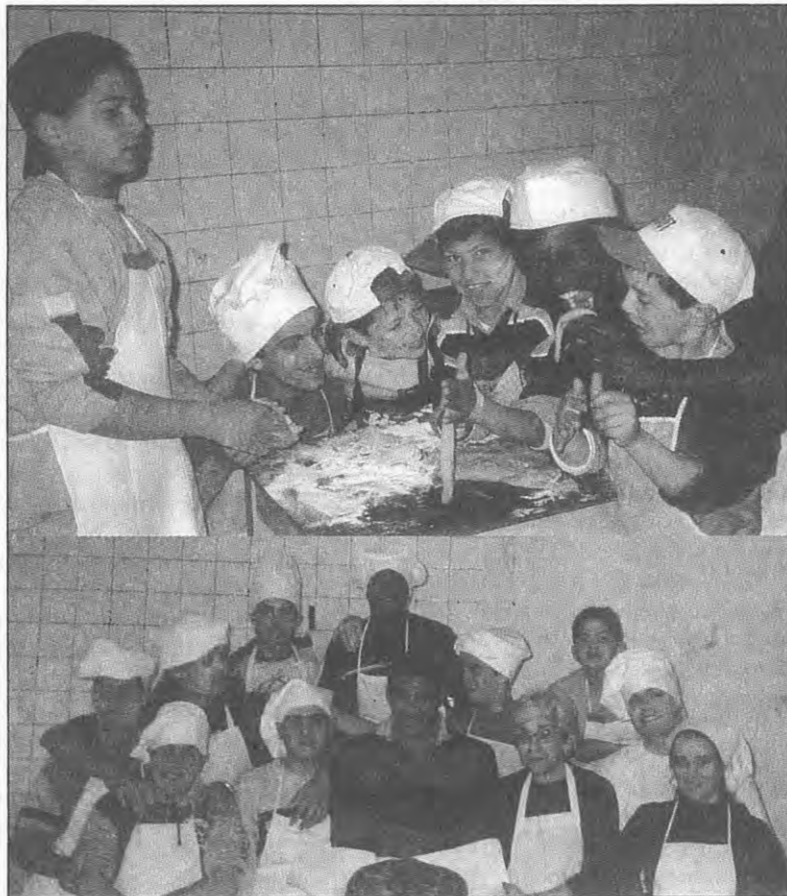
Paço de Sousa

EXCURSÕES — Têm vindo várias excursões escolares visitar a nossa Casa. Esperamos que tenham adorado estar com os nossos rapazes e venham cá mais vezes.

OBRAS — A nossa Casa está a ser remodelada, o que tem melhorado o dia-a-dia dos nossos rapazes. Graças à boa vontade dos nossos Amigos e dos nossos Padres.

INFORMÁTICA — Temos uma sala com vários computadores, onde decorre um curso de informática e onde vamos fazer os nossos trabalhos

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Abril, 58.200 exemplares



Os mais pequeninos tomam parte na confecção dos folares da Páscoa. Fazer os folares é uma festa!

para a escola. Também temos internet, o que tem facilitado as pesquisas.

ESCOLA — Há rapazes que têm faltado às aulas. Não lhes chega os sermões que têm ouvido. Uns já não voltam a faltar, mas há outros que cada vez se enterram mais.

Rolando Polónia

DESPORTO — Os Seniores receberam os Juniores da Associação Recreativa e Cultural de Areias, da Associação de Braga. Aproveitaram a paragem do campeonato para se deslocarem a nossa Casa, a fim de realizarem mais um encontro de verdadeiros amigos. Um jogo bem disputado de parte a parte, mas no final registou-se uma vitória a nosso favor, com golos de Serafim (2), «Bolinhas» (1) e Ilídio (1) contra dois do adversário.

Os mesmos Seniores, também defrontaram os Ases da Constituição, equipa onde joga um dos nossos antigos gaiatos: o «Flora». Um jogo renhido e bastante viril de ambas as partes, já que ninguém queria perder. No entanto, com alguns dos nossos rapazes a passearem o campo e outros amuados (...) não foi possível fazer melhor que um 2-4. Mas tudo bem! Estes não confundiram o jogo com a amizade que se tem fora das quatro linhas. Recebemo-los bem como a todos os que vêm de boa-fé. Apesar do resultado nos ser desfavorável, a porta está sempre aberta para quando o «Flora» quiser e nos for possível.

CAMPEONATO INTER-CASAS DO GAIATO — Vai de vento em popa! Saímos de casa às 7h30, com destino a Setúbal, onde fizemos o jogo da segunda volta. Chegámos lá por volta das 12h00. Almoçámos quase no horário normal da Casa. Depois do almoço, tomámos o nosso café no excelente bar que a Casa de Setúbal tem.

À hora marcada começou o jogo e, sem incidentes, chegou ao fim com a vitória dos rapazes de Setúbal por 3-1. Um desafio de verdadeiros campeões, sem o ser, claro!, e no que diz respeito à arbitragem, esteve impecável até à

pequeno-almoço, novamente no campo da bola, os que quiseram, outros a ouvir música e depois o almoço. Um verdadeiro convívio! Um fim-de-semana familiar! Saímos de Setúbal às 15h00 em direcção ao Norte. Toda a viagem correu bem e só parámos na estação de serviço de Pombal, para comermos qualquer coisa. Chegámos a Paço de Sousa às 20h00. Padre Acílio e Padre Manuel Mendes estavam à nossa espera. Um convívio como manda a regra de quem quer e gosta de viver em Paz.

O outro jogo do campeonato, que se realizou em Miranda do Corvo, com o Tojal, registou um empate a três bolas.

Alberto («Resende»)

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Todos nós falamos que queremos que exista uma melhor justiça social, é necessário que os vicentinos sejam modestos, na sua apreciação, porque nos apercebemos das carências dos Pobres que visitamos. Isto porque vamos às suas humildes casas, alguns deles vivem em quartos que servem para tudo: cozinha, casa-de-banho e quarto de dormir.

O nosso trabalho não é de gabinete, não estamos à espera que eles venham reclamar ajuda e depois ficamos meses a aguardar que haja despacho ou disponibilidade de verbas para os ajudar, e, na maior parte das vezes, desses gabinetes recebem um não.

As Conferências não têm fonte de rendimento que assegure, todos os meses, uma verba fixa; no nosso caso recorremos através d'O GAIATO e apelamos aos nossos Amigos leitores que contribuam para assim conseguirmos, todos os meses, garantir aos Pobres uma ajuda.

A caridade para com os mais carenciados depende de todos nós, todo o cidadão tem a sua quota-parte de responsabilidade, nunca devemos dizer

não às nossas obrigações como seres humanos.

Não nos podemos esquivar a este flagelo que atinge a nossa sociedade. Aumentaram as dimensões das carências dos nossos Pobres, em virtude do nível de vida ser cada vez mais elevado, devido ao aumento significativo dos bens essenciais.

No mundo vicentino, o seu ideal induz os mais Pobres a ajudar a socorrer outros mais pobres ainda. A viver o amor do Evangelho. Para nós, é com muito amor que reparamos a partilha que existe entre estas famílias que, por vezes, ainda conseguem, do pouco que têm, partilhar com aqueles que os rodeiam. Para nós, isto dá-nos força, diz-nos que o nosso trabalho está a ser aplicado, dá-nos mais alento para continuarmos na nossa missão — de levar a Palavra do Amor a estes nossos irmãos.

Ajudem-nos para que nós, vicentinos, possamos continuar esta nossa caminhada.

O QUE NÓS RECEBEMOS — Amiga, de Arouca, vales postais e as suas palavras de amizade; M. M., 50 euros; Amiga, de Esmoriz, idem; assinante 20174, a sua oferta; M. L. Carvalho, um donativo; assinante 6313, a sua oferta; Maria Teresa, do Porto, palavra amiga e uma oferta; assinante 7769, cheque de 100 euros; Amiga Dolores, de Valadares, um donativo sempre presente; Amiga, de Fiães, a habitual oferta; Francelina Lemos, 50 euros.

Queremos agradecer, em nome dos nossos irmãos, as mensagens de força e as ofertas. Contamos convosco.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

Setúbal

CAMPO — O «Fernandinho» e o Amândio já começaram a semear o milho. O «deserto» foi o primeiro terreno a ser semeado. Também já começaram a cortar a cevada para o gado e para a silagem.

A senhora «Fatinha» e a D. Odete já começaram a apanhar a fava e a ervilha, e foram ajudadas por um grupo de rapazes.

O «Lagarto» andou a dar química às batatas e às árvores de fruto.

JARDIM — Os serralheiros andaram a pôr as correntes à volta dos canteiros. O trabalho que fizeram ficou bonito. O «Monchique» e o «Lota» plantaram algumas flores. Para elas crescerem, têm de ser regadas. O «Monchique» é o jardineiro que rega e trata das plantas.

TORNEIO INTER-CASAS — Os rapazes da Casa do Gaiato de Paço de Sousa vieram cá jogar, no dia 30 de Abril. O jogo foi bem disputado, mas existiram algumas reclamações entre as equipas. Eram muitas as faltas cometidas. Começámos a ganhar 1-0, com um golo do Daniel. Depois, foi o 2-0, marcado pelo Gerson. Logo marcaram os de Paço de Sousa; resultado ao intervalo: 2-1. Na segunda parte, o «Chainho», com a sua técnica, fez o resultado final do jogo: 3-1.

Meu testemunho

Que indignação!

SOU um rapaz desta família e também educador dos rapazes que a ela pertencem e dou comigo a perguntar-me se seremos assim tão maus educadores, ou então, se nós, rapazes, seremos tão diferentes dos que por aqui passaram no passado século — pelo menos o que os *media* dão a entender é que somos muito maus educadores!...

As circunstâncias em que os rapazes chegam são as mesmas há muitos anos e muitos avós e pais fizeram-se homens aqui com os métodos educativos vigentes. Porquê então «mudar» estes métodos agora?

Estará o Estado a tentar formar rapazes à sua maneira, tornando-os diferentes da sociedade? Melhor, tornando-os tão podres como os que a sociedade os está a tornar?

Se a sua vontade fosse satisfeita, talvez, um dia, tivéssemos um

vigilante para cada um e empregadas que fizessem tudo! Seríamos, então, uma família? — Não! Nós somos educados e educamos de forma a que, no futuro, os rapazes sejam felizes, se sintam realizados, sejam auto-suficientes e livres. Se os rapazes tivessem um vigilante, como poderiam errar? Como poderiam aprender o básico do ser humano como a higiene pessoal e da sua casa? Teriam todos hipótese de ter empregada em sua casa? Não me parece. Com os vigilantes não seriam homens, não. Seriam máquinas. «Faz isto», «faz aquilo», «vai para ali», e aqui, sim... estaria a repressão.

Que se desengane quem pensa que isso é o correcto, ou já tínhamos deixado de existir, há muito. Mas, existimos porque ainda acreditam em nós!

«Almeidinha»

Correspondência dos Leitores

Contraponto

«Aproveito a oportunidade para vos manifestar a minha solidariedade face às acusações contra a Casa do Gaiato, vindas a público num relatório produzido, creio, por 'técnicos' da Segurança Social. De entre as acusações achei curiosas as alusões ao 'muito trabalho', à 'muita disciplina' e aos 'muitos castigos'. Não me surpreenderam, pois a preocupação que revelam está ajustada à sociedade em que vivemos, na qual, cada vez mais e com o beneplácito do Estado, se cultivam a preguiça, a indisciplina e a impunidade.

Faço votos para que a trilogia esconjurada pelos 'técnicos' continue a ser timbre da Casa do Gaiato, contraponto à cultura laicista dominante — em benefício dos rapazes que aí se formam.

Assinante 12325».

Hipocrisia

«Que tristeza, que tristeza! Preocupam-se tanto com os 'Batatinhas' e não se preocupam com as infelizes crianças que, a pouco e pouco, vão morrendo física e espiritualmente por este pobre Portugal. Que Deus tenha dó deles que são tão pobres de espírito e de tanto... Tanto... Temos que rezar. Só quero que o seu coração não sofra, Padre, pois por mais que queiramos estas coisas fazem sempre sofrer.

Pai Américo olha pelos teus 'Batatinhas'!

Assinante 50694».

Comunhão

«Vivemos tempos tumultuosos, confusos, onde os valores espirituais de raízes cristãs estão sendo olhados com indiferença e até com

desdém pela maior parte da comunidade. Por consequência, não é de espantar que qualquer obra que defenda a fundamentação evangélica da sua existência seja dissecada com a finalidade de ser espezinhada. Existem problemas? Mas qual é a família normal que não os tenha? Ela é o lugar por excelência, aí eles podem ser analisados e ultrapassados! A grande questão é que actualmente os seres humanos são olhados como coisas que enquadrados em pressupostos de uma pretensa tecnologia eficiente serão fatalmente felizes, esquecendo-se a vertente espiritual do homem que quer algo que ultrapasse o domínio da vida material e que se chama AMOR. Palavra tão pequena, tão bela e tão esquecida! Onde está o amor ao próximo que Jesus tão magnificamente exemplifica na Sua parábola do Bom Samaritano?

Muita conversa, muita leitura, muita mesa redonda, muito papel para preencher, mas onde está a capacidade de 'arregaçar as mangas' e entrar com cabeça e coração no mundo dos Doentes, dos Pobres e das Crianças desamparadas? Jesus foi caluniado e maltratado, no Seu tempo, e esse estigma segue aqueles que O amam e procuram pôr em prática os Seus ensinamentos! Tenho orado a Deus por todos os sacerdotes, senhoras e anónimos que impulsionados no amor cristão têm dado o melhor de si próprios a esta Obra e, por isso, podeis crer que chorei de alegria quando li o artigo de 11/12/04. Realmente Deus é misericordioso porque essa força interior não vem da carne, mas do Alto. Que Deus vos abençoe por terdes pegado no arado sem olhar para trás: todos sois aptos para o Reino do Pai que nunca vos deixará confundidos ou envergonhados.

Assinante 47518».

Não tenho o dom da escrita

«Quem me dera pudessem ver o que vai no meu coração. Também ele está ferido de morte por tudo o que se tem falado e escrito através dos meios de Comunicação Social. Só fala assim, só escreve assim quem tem a infelicidade de não conhecer mesmo nada do espírito da Obra da Rua, de Pai Américo.

Deus, que tudo pode, que tudo perdoo, lhes ilumine o coração e a mente para assim poderem entender e conhecer a Pérola mais Preciosa que Portugal tem em termos de Assistência e Amor aos Cristos Partidos que ninguém quer.

Se esses nossos irmãos se despissem de todos os interesses, deixassem tudo isso à porta e mergulhassem uns dias na Obra da Rua com o coração puro, quando voltassem, para fazerem os seus trabalhos, cantariam a mais linda história de Amor e ficariam apaixonados para sempre. Só assim entenderiam que foi apenas por Amor que esses homens, desde Pai Américo e todos os que se lhe seguiram, assim como todos os outros colaboradores, que tendo as suas vidas organizadas e promissoras, decidiram deixar tudo: família, namorados, bens, riquezas, bem-estar para se dedicarem totalmente aos que nada têm — e apenas por Amor.

Meus bons amigos, vós sabeis hoje mais do que ontem que os vossos nomes, estão escritos no Céu. Foi prometido. Nós sabemos.

A Obra da Rua vai sair mais unida, mais forte, mais rica — porque mais sofredora. Pai Américo não vai deixar de iluminar a Menina dos seus olhos.

(...) Que Jesus encontre, como sempre, um lugar muito pertinho junto de todos vós.

Obrigada por tudo de bom que a Obra da Rua me tem dado.

Assinante 26580».

Palavras de Pai Américo

«— Senhor?... qual será na eternidade o galardão destas mães... santas sem o saber? E tu cuidas que és importante porque passeias na Baixa as tuas raposas às costas?

Lindo 'como o Sol aceso' — hipérbole de Mãe... pois, o sol — nunca entrou na morada daquela família.

— A beleza do filho é feita da piedade... e do amor... de mãe!

— Onde estiver o Homem de renúncia... aí o conquistador!

Deixei uma camisa de flanela nas mãos de Maria leprosa e levei outra ao pátio onde habita o pequeno 'lindo como o sol aceso'.

— Ai meu senhor que não posso pagar!

— Dá-me sempre assim Senhor... quem não possa retribuir...

— (Era geral a corrida ao volfrâmio e o Pai recomendava:)

— Acorda!... Admira a bondade do coração dos homens... e não vás ao volfrâmio!

— A tanta abundância opõem-se... novas misérias!

— À tarde a sopa vem do quartel... Quando calha! Os miúdos sentam-se à roda da panela e, comem à vez com uma colher sem rabo!

— A única da família!

Ficaram connosco mais um dia, dormiram no nosso Lar de estudantes, participaram na nossa Missa e almoçaram cá. Foi um tempo de convívio entre os rapazes e ficámos amigos.

No dia 21 de Maio, receberemos os rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. O primeiro lugar do torneio já está entregue, para os da Casa do Gaiato do Tojal. O segundo, está ao alcance de todos e esperamos que a nossa Casa fique com esse lugar no Torneio Inter-Casas do Gaiato.

Horácio

Associação de Antigos Gaiatos de África

Vai fazer em Novembro próximo quarenta e dois anos que um grupo de jovens e dois dos nossos Padres rumaram a África, mais concretamente a Angola — e a Moçambique, poucos anos depois — onde começaram com as nossas Casas de Malanje e Benguela; e, mais tarde, outro grupo, com a que é, hoje, a de Maputo, estando, assim, até ao Índico os braços da nossa «mãe»: a Obra da Rua.

João Evangelista

— Também aceito dinheiro... mas, gostaria infinitamente mais das caixas e dos cartuchos de amêndoas que tu nos enviavas!

— A tua oferta trazia algo de ti mesmo! As amêndoas eram irmãs das amêndoas dos teus filhos...

Os jornais da época noticiaram que o Engenheiro Duarte Pacheco entrou na Igreja de Santa Cruz, de Coimbra, para ouvir Missa quando, naquele Domingo, casualmente, pregava Padre Américo. Tocado pelas palavras veementes do Pai dos Pobres não sairia dali sem que trezentos contos fossem prometidos à Obra dos Rapazes da Rua. O valor da oferta, para o tempo, foi considerado magnânimo!

Duarte Pacheco falecera, vítima de acidente rodoviário, em 16/11/1943, em Setúbal.

... Peço desculpa, mas as palavras de Pai Américo são tão saborosas!

Assinante 78568».

DOUTRINA



Trago o ramo de oliveira, que não a bandeira negra das revoluções de sangue

NASCEMOS ontem, pois foi no dia 27 de Abril do ano passado que lançámos os alicerces das primeiras casas; e já somos hoje uma Comunidade de setenta rapazes. Eles acodem de toda a parte, pelo seu próprio pé, a buscar abrigo debaixo das nossas telhas. Vêm mordidos dos cães, envelhecidos do tempo, cheios de fome e de vícios, cansados de sofrer; eles, que por serem nossos, tinham e têm direito a um lugar à mesa com talher completo.

AS possibilidades espirituais destes filhos de ninguém são uma riqueza incomensurável. São dóceis, obedientes, gratos, espontâneos, trabalhadores, amigos. São extraordinariamente solidários. Se acontece bater algum vadiozito à nossa porta sem haver lugar para ele, não há nenhum que desça à portaria, comunicar o recado; nenhum. Recusam-se. Dizem afoitamente que não vão. Ao contrário, se temos lugar, vão todos de escantilhão pelas escadas abaixo buscar pela mão o pequenino que chega, para o vestirem de novo, lavar, marcar sítio à mesa e leito no dormitório. São assim os «farrapões» da rua. Gostam de dar esmolas aos Pobres. Todos os sábados, dentro das nossas Casas, é costume sair um pequenino rancho dos nossos, com donativos que eles mesmo preparam na despensa e vão deixar na casa de Pobres que eles já conhecem e são conhecidos deles. Trabalham na risonha quinta que nos ofereceram. Rapazes que vêm das ruas afeitos ao palavrão, falam meigamente aos bois e com olhos límpidos contemplam e apreciam as coisas da Natureza.

JÁ temos sete moradias quase prontas, mas temos muitas mais para construir. Eu peço ao Porto que se desloque até Paço de Sousa para nos conhecer de perto e saber como nós vivemos. Peço que nos ajudem a levantar mais casas. Eu quero que a Obra seja de todos os portugueses; por isso mesmo gosto de me cansar e de sofrer as humilhações do pedir; vou pelas praias, pelos hotéis, pelas igrejas, pelos cinemas — e agora estou aqui.

D. Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Benguela

Dia da Mãe

COMECEI a escrever estas Notas, no meu coração, no Dia da Mãe. Lembrei-me duma visita à nossa Casa, já lá vai algum tempo, feita por um grupo de pessoas, com um médico cirurgião à cabeça. Foi precisamente no dia convencionado chamar-se o Dia da Mãe. Fiquei surpreendido e contente por ver uma delegação tão numerosa de pessoas amigas e bem colocadas na sociedade. Perguntei-me, num momento, qual o significado desta presença. A resposta veio, quando nos cumprimentámos efusivamente: «Estamos aqui, porque hoje é o Dia da Mãe e a Casa do Gaiato é a mãe de muitos filhos que perderam a sua mãe». Comovi-me, confesso, perante o testemunho insuspeito de pessoas dos vários quadrantes da sociedade, para a qual somos Porta Aberta.

Já vos falei, em nota anterior, dos treze pequeninos que «nasceram» no mesmo dia e na mesma hora, em nossa Casa.

Falei-vos com temor e a tremer diante da responsabilidade que sentia ao contemplar o mistério da vida depositado em nossas mãos, a pedir a doação incondicional doutras vidas. É com a vida que a vida se faz. Eis o papel e o lugar da mãe e do pai. A Casa do Gaiato é um espaço privilegiado para a vivência do dom da maternidade e da paternidade.

Todos os filhos nascem com o gosto da mãe e do pai. Podem perdê-los, mas não perdem o gosto nem a necessidade deles. Senti e vivi esta experiência até às lágrimas, quando os nossos mais meninos, em número de vinte, foram passar o dia de ontem à praia na companhia daquela que assumiu a maternidade deles, com discreção admirável e alegria incontida. Que festa! Quem dera não falte nunca a estes filhos a mãe de que sempre necessitam! É assim que as rupturas afectivas que marcam a vida destas crianças, desde o seu nascimento, vão ser curadas.

Outros nos batem à porta. Espero ansiosamente a hora em que os mais velhos partam para a sua autonomia, levando, na sua bagagem, o emprego e um quarto, ao menos, onde possam viver até poderem construir a sua casa definitiva para si e sua família. Entretanto, dão a sua ajuda na solução de alguns problemas que nos afligem muito. Pai Américo, com intuição admirável, buscou sempre a solução dos problemas da comunidade dentro da própria comunidade. Ainda ontem, à hora da oração familiar, em que pedimos sempre pelas vocações para a Obra da Rua, recordava aos rapazes o seu lugar insubstituível, em definitivo, no serviço da Obra da Rua. Em primeiro lugar, como é natural, na sua própria comunidade. Depois, onde for necessária a sua presença. As pessoas estranhas são necessárias sempre com carácter provisório, que pode ser de longa duração, é verdade. Mas o lugar é dos de dentro.

Quem dera possa dar-vos a notícia, muito em breve, do nascimento do Centro infantil, com o infantário à frente. As Obreiras que o vão dar à luz estão nos últimos preparativos. Alegrai-vos comigo.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Primeiro ama! O MANDAMENTO NOVO! Senhor de Misericórdia, eu confesso e sei que este Mandamento basta para a gente fazer o que quiser!

PAI AMÉRICO

Pão de Vida

Um par de rolas

AINDA não se vê a luz e já ressoa pelo céu o canto dos melhores despertadores. Os galináceos e outras aves que coabitam no pomar são necessários na aprendizagem do crescimento dos nossos filhos e no desvelar do ritmo do dia.

Desde o crepúsculo matutino até ao primeiro encontro da nossa família, à volta da mesa, vai um tempo custoso e alegre.

O dia amanheceu sombrio e com chuviscos, mas uma pata e seus filhotes, à sua trás, como dizem os rapazes, já percorriam afanosamente o terreno central da Aldeia, entremeados de árvores de fruto.

Os restos dos cortes das hortícolas e algum pão mais duro são um bom petisco. Basta uma aproximação destes subprodutos, condenados aos contentores nas urbes, que se gera de imediato uma algazarra geral.

Se alguns patos se abalançam a voar, chegam primeiro. Mas são as galinhas do campo, mais experientes, que debicam a outra parte. Os garnisés sujeitam-se às sobras, pois as suas patas são mais curtas.

Os amigos mais pequenos que vêm ao nosso encontro, de meios urbanos, deliram com esta reinação.

As hortas familiares e os galinheiros foram declinando com a deslocação das mães para o mercado laboral.

Também, a grande ausência na vida destes filhos é a sua mãe... Quantos têm cravado no peito o punhal do abandono: «nunca a vi», «não gosto dela»...

Um dia, bem longo, entre dois hospitais, por via de um rapaz, o Joel, foram horas de meditação até vencedoras do sono. Se alguns meninos vinham ao colo das mães, outra mãe esperou sozinha longas horas por algum filho que olhasse para ela e a libertasse daquela urgência.

O crescendo de divórcios tem deixado os homens sem filhos, que estão magoados de os perderem em tribunal.

Nesta família, a voz dos pais que criam, diante de alguma sobrançeria judicial, não tem valor. Quem cria um filho da rua, sem interesses e com valores cristãos, também pode ser considerado um marginal.

Quando a conversa desliza para as mães, temos logo mau humor. Deus é só Amor! Olhar para uma mãe é descobrir o amor, o carinho e o sofrimento com que fomos gerados e criados.

A mãe verdadeira está voltada para o filho e não para si. Porque é que uma mentalidade mercantilista quer esgotar num dia?

Uma linguagem fria e desencarnada propala que a gravidez pode ser interrompida. O novo ser não tem já voz?... Ele é um *eu* pessoal, único, que precisa de ser acolhido pelos pais e nunca deve ser despejado. Já se conseguiu visualizar o filme do princípio da aventura do ser humano.

As crianças diminuem nas sociedades ocidentais e a quebra de vocações consagradas inquieta a Igreja, porque também a estrada larga de incentivos à maternidade e paternidade é um beco sem saída. Quantas mães são ameaçadas com despedimentos.

Em Maio, as contas do nosso Terço são passadas na Capela e é um exercício difícil.

O canto suave de um par de rolas a esvoaçar e que têm seu poiso nos cedros próximos, ajudou-nos a entender que Maria de Nazaré não deixou de apresentar o Seu Menino e oferecer um par delas, como oferta de gente pobre, para a sua purificação. Mesmo Imaculada, subiu ao Templo por todos nós e por todas as mães e pais ausentes. *Felizes as entranhas que Te trouxeram e os seios que Te amamentaram!* O ventre não é uma propriedade, mas o ninho onde o ser humano tem direito a desenvolver-se e a ser dado à luz.

Quanta alegria na nossa capoeira, quando as galinhas põem ovos, que já vão chegando à cozinha e eles querem repetir. Se ficam nas palhas, anunciam pintainhos.

Todos os meninos e meninas querem ver a Luz e ficar ao colo da Mãe do Sim, à vida!

Padre Manuel Mendes

Evolução

Continuação da página 1

«morada» consuma-se, desde já, no reinado da Sua Justiça: «Ele enxugará todas as lágrimas dos olhos do Seu Povo, e nunca mais haverá morte nem luto nem gemidos nem dor, porque o mundo antigo desapareceu». (Apocalipse 21/3,4).

Apesar da encenação de maravilhas de que o mundo se ufana, será desta espécie o contexto real que oferece aos seus habitantes?!... Às nossas portas todos os dias batem «lágrimas e gemidos e dores» manifestantes de que «o mundo antigo não desapareceu» nem dá indícios de desaparecer em breve. E para além desta experiência directa, sabemos de como tal se repete e multiplica em todos os mundos

do mundo, o primeiro incluído. Porquê?... Será que o planeta se esgotou, para que milhões definham de fome?... Será que as Ciências da Saúde evoluíram só para uma minoria que lhes tem acesso?... Será que a instrução é privilégio de alguns — ainda assim com rendimento pouco abonatório?... Não deveria ser para que assim não fosse, a prioridade das prioridades de uma *globalização* honrada?!

Todos sofremos na pele o des-norte que nos cerca de perto; mas eu olho o mundo que os meios de comunicação social tornam cada vez mais pequeno e próximo — e os males aparecem epidémicos, contagiantes, a exigir uma terapia global que tem de passar pela conversão dos homens, de cada homem, se calhar pelos mais humildes a dar exemplo e criar grupo de pressão sobre os importantes que são (foram sempre!) os mais difíceis

Setúbal

Continuação da página 1

garoto, continuará, por imperativo legal, fechada, reforçando no coração do pequeno a indignação perante esta sociedade que, para defender os fracos, tem primeiro que defender os interesses dos fortes.

Que ninguém se lamente, mas antes se acuse, se esta for mais uma situação que venha a contribuir, no futuro, para engrossar o número dos que caíram na marginalidade, porque não tiveram uma mão que, no momento certo, os amparasse.

Padre Júlio

de converter e dos quais, das suas sábias e grandiosas medidas de reforma, nada há que esperar se não forem eles próprios, antes de mais, a reformar-se.

Evolução, onde estás? Onde os aprendizes da leitura dos *sinais dos tempos* em que se inspirem para o progresso da vida de todos os homens na suficiência da satisfação das suas necessidades de corpo e espírito, no crescimento pessoal, na estabilidade (antónimo de estagnação!), na paz consigo próprios e com os outros?

Me digam se há fundamentos mais firmes para a felicidade do Homem nesta nova Terra *in fieri* — «Reino de Justiça, de Amor e de Paz» — cujo projecto e senhorio é divino, mas que ele tem o dever de restaurar em esforço e sacrifício incessantes, para que o que parece utópico, *aqui e agora*, se transmute na Realidade para que nascemos: a Meta imutável que é Deus.

Padre Carlos

Direitos da Criança

Continuação da página 1

O ninho afectivo de uma criança é algo de misterioso, não se percebe numa entrevista nem por um exame superficial. Só poderá ser avaliado por quem o vive de perto e durante algum tempo.

Uma Casa do Gaiato é uma Obra onde a melhor argamassa que liga as pedras da construção, é o amor.

Quem dera que esta pequenina abertura, dada de forma geral às crianças, saísse da escola apenas e se alargasse a todas as Obras onde elas se fixaram, afectivamente, durante vários anos.

Que as Casas do Gaiato voltassem a ter, de novo, o olhar terno de quem pode, e nos devolvessem o que às nossas crianças é devido: — Professores, não só para os primeiros quatro anos, mas para os primeiros seis. De modo que pudessem amadurecer dentro de Casa, antes de serem engolidas em escolas de multidão.

Padre Acílio